

JORNAL TEMPO VAGO: UMA PROPOSTA DE PRODUÇÃO ESCRITA PARA O ENSINO MÉDIO

Marcelo Rodrigues Affonso Junior, Anna Aparecida Gomes Mesquita, Maria Clara Silva de Andrade, Larissa Goulart de Carvalho e Renato Pazos Vazquez

Universidade Federal do Rio de Janeiro, marcelo.jr@ufrj.br; Universidade Federal do Rio de Janeiro, an.na@ufrj.br; Colégio Técnico da Universidade Rural, marry_mcandrade@yahoo.com.br; Colégio Técnico da Universidade Rural, larissgoulart@gmail.com; Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, renatopvazquez@gmail.com

Introdução

Pensar a produção textual em sala de aula e inscrevê-la na realidade dos alunos que a compõem é peça chave o engajamento de quem escreve com aquilo que é escrito. Desprender os alunos dos cânones mecânicos da redação e apresentar a eles a função social do texto significa dizer que os gêneros textuais “caracterizam-se muito mais por suas funções comunicativas, cognitivas e institucionais do que por suas peculiaridades lingüísticas e estruturais” (MARCUSCHI, 2003). Uma das maneiras encontradas por alunos do Ensino Médio do Colégio Técnico da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (CTUR/UFRRJ) para ressignificar a produção textual em volta da realidade de quem escreve foi criar o Jornal Tempo Vago.

A iniciativa nasceu em 2014, quando, inspiradas por um folheto universitário, duas alunas desenharam a ideia e buscaram colaboração de professores. Em seguida, com uma equipe recrutada dentro do corpo discente do CTUR, as funções foram divididas e, em 2015, a primeira edição do informativo foi impressa¹. Além da impressão, as edições são lançadas no site da escola (r1.ufrj.br/ctur/jornal-tempo-vago/) e na página do jornal no Facebook (facebook.com/jornaltempovago). Os objetivos do projeto, nessa concepção, são i. despertar nos alunos interesse pela escrita; ii. unir a prática da redação a uma atividade sem o rigor e a pressão que estas muitas vezes provocam em sala de aula; e iii. familiarizar o discente com uma ferramenta da escrita por meio de um trabalho que o permita refletir sobre o que acontece a sua volta. No ano de 2016, algumas modificações na redação e no próprio formato do jornal foram feitas, aumentando não só as áreas sobre as quais discorriam os textos como também o número de páginas.

A intenção do projeto sempre foi a de trazer seções de diferentes áreas (cinema, música, artes plásticas) para serem debatidos por nossos próprios alunos, como redatores de um jornal impresso já que, segundo Antunes “À escola cabe inserir-se nesse novo leque de necessidades comunicativas” (2016: 12) do qual os alunos já fazem parte. O projeto busca, até hoje, dialogar diretamente com as demandas estudantis e com os eventos que acontecem na escola e que a ela interessam -, e tem a ambição de, cada vez mais, retratar a escola nas páginas diagramadas. Em 2018, por exemplo, a primeira edição do Temo Vago tinha o assédio como tema e, para a segunda, escolheu-se falar sobre o público LGBT. A opção pelo primeiro assunto do ano se deu por conta de rumores de assédio de professores a alunos; já a decisão pelo segundo deve-se ao fato de terem ocorrido ataques homofóbicos entre os

¹ Depois de idealizado, foi enviado a uma das bancas do colégio a fim de tornar-se um projeto de Apoio Estudantil (portanto, oficialmente ligado à escola) com orientador e bolsistas próprios.

próprios estudantes. Justamente com esse objetivo, o de cada vez mais retratar e pensar a escola, o projeto cresceu e se concretizou, buscando o reconhecimento como integrante e informativo oficial da escola onde foi concebido.

Como foi previamente discutido, o objetivo do *Jornal Tempo Vago* é, em primeiro lugar, fomentar e concretizar o trabalho dos alunos na confecção de um jornal impresso da comunidade escolar. Também visa ao incentivo à escrita sem uma obrigação formal, transformando-a em hábito, o que, muitas vezes, destoa dos deveres escolares comuns e se faz extremamente importante na formação literária e no letramento dos alunos. Aliado a isso, há, ainda, o desejo de integrar e divulgar os assuntos referentes tanto ao CTUR como a temas atuais que mereçam ser debatidos no ambiente escolar. Não podemos esquecer, também, que um jornal escrito por alunos e para eles mesmos dá voz aos estudantes e os entrega um empoderamento na medida em que têm, em suas mãos, um instrumento de fala. Trazer as novidades da escola, falar das viagens realizadas e dos concursos de que participam os alunos da escola² é uma maneira interessante de divulgar o trabalho extracurricular do colégio, pois “Por meio da leitura, podemos [...] realizar o saudável exercício de conhecer as pessoas e as coisas, sem limites no espaço e no tempo” (ABREU, 1999: 5).

Dando seguimento ao projeto aqui discutido, podemos concretizar uma ideia já concebida e trazer novos alunos para a cooperar na produção de um jornal sobre o ambiente deles, feito nesse mesmo lugar. Engajar jovens escritores nesse projeto é, na maioria dos casos, apresentar a eles um compromisso com a produção de texto fora da sala de aula pela primeira vez. Essa comunhão coopera não só para o crescimento de cada aluno redator, mas também para a evolução da história do CTUR.

Metodologia

Para falar na maneira pela qual se optou trabalhar durante o projeto, é necessário que acompanhem, principalmente, os dois primeiros anos de publicações do informativo. Como já vimos, em 2014 a ideia era gestada e, em 2015, o *Jornal Tempo Vago* foi impresso pela primeira vez³. Nesse primeiro ano, a equipe era grande, contava com cerca de 15 alunos, e tinha as tarefas divididas para redatores, fotógrafos, agentes de comunicação e de divulgação. Isto deve-se ao fato de que, com a divulgação da ideia e a chamada de alunos interessados para compor o time que faria parte do projeto, houve mais inscrição de estudantes que vagas disponíveis e assim solidificou-se o primeiro grupo. Havia quem estivesse responsável por cada uma das seções do jornal, que eram: cinema, música, teatro, artes, séries, animes e alguns espaços dedicados a assuntos da escola. Havia, também, quem revisasse, quem diagramasse e, por fim, quem coordenasse o projeto.

A proposta inicial previa que publicássemos uma edição do informativo por mês. Desde a primeira impressão, no entanto, a equipe se deu conta de que trabalhar com essa periodicidade não traria os resultados esperados pois não havia tempo hábil para que, em um espaço de trinta dias, os redatores se reunissem para definir temas, pesquisassem as ideias, escrevessem e editassem o jornal enquanto lidavam com as obrigações escolares. Com isso,

² O Colégio Técnico, além de contar com projetos internos de incentivo à escrita (como o livro *Raízes Literárias*, um compilado de textos escritos pelos alunos da escola que já chegou a quatro edições), é vencedor de inúmeros prêmios nacionais nessa área, como o “10º Igualdade de Gênero”, promovido pelo CNPq, e o concurso da Defensoria Pública da União intitulado “Mais direitos, menos grades”.

³ Sobre a impressão do *Jornal*, vale dizer que esta ficava a cargo da Imprensa Universitária da UFRRJ.

adotou-se um novo calendário, agora com publicações bimestrais. Essa divisão de que falamos resultou, na primeira edição, em um exemplar de oito páginas, cada uma delas dedicada a uma das áreas acima descritas. Destacamos, sobre o processo de edição do jornal, o fato de a diagramação também ser feita pela equipe, formada exclusivamente por alunos. Não havia ajuda profissional gráfica na confecção de cada edição.

No segundo ano de produção, a metodologia sofreu algumas modificações. A extensão aumentou de oito para dez páginas e, conseqüentemente, puderam abordar mais temas como política e assuntos de maior repercussão nacional. Na quarta edição do jornal (maio de 2016), por exemplo, a greve dos professores do Rio de Janeiro foi assunto discutido nas páginas do informativo, já que as reivindicações desse grupo (demandas educacionais, maior cuidado com a escola pública, mais assistência a ela) estavam diretamente ligadas à população do CTUR.

Aumentar a quantidade de páginas significou exigir um pouco mais da equipe para cumprir os prazos. Mesmo assim, seguiu-se com as reuniões para discutir os temas, as redações e as publicações. Contudo, com esse aumento de páginas, houve dificuldade por parte da equipe em administrar o projeto. Para os alunos, levar adiante o jornal era (e é) um acontecimento concomitante à vida escolar, ao ensino técnico, à preparação para o vestibular. Essa agregação de responsabilidades resultou, em algumas edições, em um atraso na revisão ou na diagramação.

Além da participação dos alunos, o informativo contava com o apoio dos professores do CTUR. Quando conceberam a ideia, os estudantes procuraram alguns professores para que ajudassem em algumas etapas como a revisão de edições e a sugestão de temas. Assim que todos os textos eram recebidos pela coordenação do jornal, havia uma revisão feita entre os alunos membros do jornal. O processo seguinte era a diagramação do jornal e então era enviado aos professores para que eles apontassem alguma modificação. É importante que destaquemos aqui a autonomia dos alunos em todo o processo, desde a idealização dos temas até a estruturação das páginas. A participação dos professores se fazia em função da orientação docente-discente.

Depois de um espaço de inércia desde o segundo semestre de 2017, o projeto foi retomado em 2018 e uma nova equipe passou a compor o expediente do jornal. Em formato menor, o informativo, nesse ano, passou a ter apenas seis páginas. A intenção é, num menor espaço de tempo, reunir material que reflita os temas relevantes para a comunidade escolar.

Resultados e discussão

Entre as três fases por que passou o desenvolvimento do jornal (a saber, a ideia primeira, durante o ano letivo de 2015; a continuação do projeto em 2016 e 2017, com um informativo mais extenso; e a retomada em 2018, com um número reduzido de páginas), podemos acompanhar cada uma delas a partir da análise das respectivas edições do informativo. Logo na primeira edição, pudemos observar como a participação de uma equipe numerosa e diversa gerou cada texto de uma seção diferente e pôde, ao mesmo tempo, aproveitar a contribuição de cada um que quis escrever.

Falando sobre *Diversidade*, na segunda edição do jornal, de outubro de 2015, mais especificamente na parte que trata de cinema, podemos notar uma proposta de texto que dialoga diretamente com o tema em questão. Na página, além de uma pequena introdução sobre o assunto, encontramos alguns espaços que

trazem indicações de filmes. Entre elas, películas que falam sobre anorexia, homossexualidade, racismo e religião. A preocupação do redator em trazer recomendações que abranjam questões representativas dentro do tema maior caracteriza o olhar do aluno escritor na tentativa de adequar seu ponto de vista sobre a questão a ele proposta. Além disso, há, na mesma página, um texto dedicado a falar sobre a real importância das grandes premiações cinematográficas. O texto, intitulado *Não leve o Oscar tão a sério*, fala justamente sobre como esse grande reconhecimento da indústria do cinema nem sempre é dado aos filmes por sua qualidade técnica, mas sim por questões relacionadas ao orçamento e ao elenco da produção. É importante estabelecer, enfim, o diálogo entre tema e os leitores dele. Os alunos que receberiam o material compõem esse núcleo da diversidade, o conjunto de ímpares. Além de retratá-los em suas páginas, o jornal evidencia um dos papéis da escola: fazer conviver junto aquilo que é diferente.

Já para a primeira edição de 2016 (portanto, como apontado anteriormente, quando houve um aumento no número de páginas do jornal), o tema proposto foi *Brasil: mostra tua cara*. Nessa edição, ao analisarmos a página que discorre sobre música, deparamo-nos com uma retomada da influência das composições musicais em momentos importantes da história do país. Um deles é a Ditadura Militar (1964-1985), remarcada pela famosa canção *Como nossos pais*, de Belchior, mais conhecida na voz de Elis Regina. O texto se preocupa, indo além, em traçar uma tênue relação entre o momento em que a música foi escrita e os momentos pelos quais passava o país quando da circulação do jornal (falamos aqui do começo de 2017, quando a Proposta de Emenda à Constituição 241, PEC 241, colocava mudanças pungentes ao currículo do Ensino Médio, o que afetava diretamente os escritores do *Tempo Vago*). Esse é mais um exemplo de como, durante a redação dos textos, os alunos preocupavam-se em construir o diálogo entre aquilo que queriam retratar e aquilo com que usualmente se deparavam no colégio.

Analisando uma edição mais recente, a primeira de 2018, o volume do jornal diminuiu (das antigas oito para, agora, seis páginas) justamente para que a equipe conseguisse cumprir os prazos de entrega. Isso trouxe maior participação de alunos de fora da equipe do jornal para falar sobre assédio. Para que outros estudantes pudessem contribuir com o material do informativo, a equipe divulgou, nas páginas e grupos da escola, uma chamada para crônicas que fossem pertinentes ao tema. A ideia funcionou e, na referida tiragem, contamos com dois textos recebidos dessa seleção na página principal. Completando essa abertura na participação de alunos, a edição de que falamos agora foi marcada por depoimentos: em todas as páginas havia um testemunho – recolhido entre a comunidade do CTUR – que narrava algum episódio de assédio. Dentro do projeto, sempre no intuito de representar a realidade dos alunos dentro de um instrumento por eles criado, a redação do jornal quis mostrar, com a escolha de mais esse tema, como a escola pode transformar e provocar reflexão dentro de sua comunidade, não se limitando aos alunos, senão a professores, pais, funcionários.

Conclusão

Pensar, estruturar e manter um projeto como o Jornal Tempo Vago dentro de uma escola de ensino médio – e, principalmente, feito pelos alunos dessa escola – mostra-nos como pode ser extremamente significativa a experiência do discente com a produção de textos cuja finalidade é clara, como aponta Antunes sobre a importância de “levar ao aluno a perceber a significação social da escrita nos tempos modernos e a sentir a necessidade de desenvolver as competências correspondentes” (2016: 17). Durante o tempo de produção do jornal, pudemos observar o empenho e envolvimento dos estudantes em sugerir temas para as

edições, pesquisa-los no ambiente escolar e, sobretudo, encontrar, na escrita, maneiras de moldar os assuntos escolhidos à realidade que presenciavam. Esse reflexo nos alunos, a atitude de querer escrever, fazê-lo por vontade própria, certamente os faz não só galgar degraus para outras áreas da vida como também ajuda a “Desenvolver a capacidade e condições de expressão [...] escrita [...]” o que “[...] seria uma forma concreta de obter um resultado melhor no ensino e na aprendizagem” (CALLOU, 2007: 28).

Referências bibliográficas

ABREU, Antônio Suárez. **A arte de argumentar: gerenciando razão e emoção**. Ateliê Editorial: São Paulo, 1999.

ANTUNES, Irandé. Práticas pedagógicas para o desenvolvimento das competências em escrita. In: COLEHO, F. A.; PALOMARES, R. (Orgs.). **Ensino de produção textual**. São Paulo: Contexto, 2016.

CALLOU, Dinah. Gramática, Variação e normas. In: VIEIRA, Silvia Rodrigues; BRANDÃO, Silvia Figueiredo. (Orgs.). **Ensino de gramática: descrição e uso**. São Paulo: Contexto, 2007. p. 13-28.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONISIO, Ângela P.; MACHADO, Anna R.; BEZERRA, M.^a Auxiliadora (Orgs.). **Gêneros textuais & ensino**. Ed. 2. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003. p. 19-36.